



# Héracles cómico: a caricatura do herói épico

The Comic Herakles: a caricature of the epic hero

Rui Tavares de Faria<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0002-0529-9107>

[rui.mv.faria@uac.pt](mailto:rui.mv.faria@uac.pt)

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.50784>

**RESUMO:** Durante séculos perviveu a imagem do herói configurado por virtudes guerreiras. O modelo homérico é seguido e enaltecido e a tradição cristalizou-o. Héracles veste os ideais que a poesia épica glorificou e constitui um exemplo de heroísmo a imitar e a cantar. Na comédia *Rãs*, Aristófanes, conhecedor do retrato convencional de Héracles, dos seus traços físicos e dos acessórios que o identificam, volta a colocar este herói diante de um espelho deformante, criando-lhe uma espécie de clone, à semelhança do que a tradição cómica vinha fazendo. O comediógrafo converte Héracles, um herói épico, num herói cómico, deformando-lhe os traços distintivos que o singularizam no panorama do heroísmo clássico, e desdobrando-lhe a personalidade. Todo este processo de subversão assegura a caricatura do heroísmo.

**PALAVRAS CHAVE:** herói épico; comédia; paródia; caricatura

**ABSTRACT:** The image of the hero shaped by warrior virtues has prevailed for centuries. The Homeric model is followed and praised, and tradition has crystallized it. Herakles embodies the ideals that epic poetry glorified and is an example of heroism to be imitated and lauded. In the comedy *The Frogs*, Aristophanes, aware of Herakles' conventional portrayal, of his physical features, and of the appurtenances that identify him, places this hero before a deforming mirror, creating a kind of clone. The comic poet converts Herakles, an epic hero, into a comical hero, deforming the distinctive features that make him unique in the landscape of classical heroism and unfolding his personality. This whole process of subversion ensures the caricature of heroism.

**KEYWORDS:** epic hero; comedy; parody; caricature

<sup>1</sup> Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade dos Açores. Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Universidade de Coimbra, Portugal.



## 1. Héracles: da tradição épica à caricatura cómica

A figura de Héracles tem uma origem obscura. Se, por um lado, se confunde “com a génese da própria civilização grega e reflete as constantes ligações entre esta e outras civilizações”<sup>2</sup>, por outro, ela pervive enquanto mito estruturante do ideal épico de herói. Esta é a imagem evocada nos poemas homéricos, onde se enaltece a bravura sem-igual do filho de Zeus e Alcmena na superação de tarefas sobre-humanas<sup>3</sup> e onde são destacados alguns dos traços caracterizadores que o distinguem, também, como rude e até cruel.<sup>4</sup> Mas Héracles não é um herói homérico: nas ações que dominam a *Iliada* e a *Odisseia* não intervêm monstros ou bestas ferozes que ameaçam os homens e contra os quais Héracles lutou, segundo dita a tradição mítica.<sup>5</sup>

As referências que lhe são feitas na *Iliada* permitem descrevê-lo como detentor de uma força inigualável e como um ser destemido, capaz de enfrentar e atacar os próprios deuses.<sup>6</sup> A condição humana que tem pelo lado materno não o coíbe, porém, de triunfar sobre a morte<sup>7</sup>, nem o impede de ter um assento no Olimpo, entre as deidades imortais.<sup>8</sup> Estes os principais traços que se tenta transpor para os heróis homéricos, para quem Héracles se assume como paradigma do heroísmo guerreiro e tanto Aquiles como Ulisses mais não são do que reflexos incompletos da imagem do “rude filho de Anfitrião”. A imortalidade, estatuto por todos almejado, não a atingem os protagonistas dos poemas homéricos, Héracles, contudo, alcançou-a. Na apresentação do *Hino a Héracles*, Humbert reconhece em Aquiles o arquétipo do jovem herói grego, mas “c’est dans Héracles que l’idéal viril hellénique est incarné, et cet idéal viril appartient au ciel — il n’y a pas de vivant idéal sur terre”.<sup>9</sup> Assim, da tradição épica as obras homéricas exaltam um Héracles que se apresenta como modelo para os heróis. É certo que alguma crueldade está prevista no seu carácter desde tempos pré-homéricos, mas essa crueldade é posta ao serviço de ideais nobres e, até certo ponto, aceitável em quem luta contra monstros.

<sup>2</sup> Santos Ferreira, 1998, p. 9.

<sup>3</sup> *Il.* 5.638-655, 14.323-324; *Od.* 11.266-270.

<sup>4</sup> *Il.* 5.392-402.

<sup>5</sup> Cf. Graves, 1998, pp. 426-522.

<sup>6</sup> *Il.* 5.403-404.

<sup>7</sup> Graves 1998, p. 415; Grimal, 1999, p. 206.

<sup>8</sup> *Od.* 11.601-626.

<sup>9</sup> 2014: 199.

Embora certas aventuras de Hércules fossem já conhecidas da *Iliada* e da *Odisseia*, como a descida aos Infernos<sup>10</sup>, é na *Teogonia* que surge listado, pela primeira vez, um registo de alguns dos trabalhos do herói. Hesíodo refere-se, por exemplo, aos diversos monstros contra os quais o filho de Alcmena lutou e venceu — Gérion (289-294, 982-983), a hidra de Lerna (313-318) e o leão dos vales de Nemeia (326-332) — em benefício de outros, como Prometeu (526-534). Santos Ferreira assinala que, nesta obra hesiódica, “Hércules aparece sobretudo na sua faceta de salvador e benfeitor, como um ideal ético ou um herói de culto, tendo sido desprovido de alguns traços de brutalidade e arrogância que estavam presentes em Homero”.<sup>11</sup>

A evolução que a tradição literária opera na conceptualização deste herói processa-se no sentido de o humanizar de modo progressivo. Galinski destaca a importância do *Scutum Herculis* neste processo, evidenciando que aí Hércules passa a assumir-se como *kallinikos* e *alexikakos*.<sup>12</sup> Estas feições recriam a imagem de Hércules como herói exemplar nos epínios de Píndaro<sup>13</sup> e como figura mais humanizada em Baquilides<sup>14</sup>, que apresenta um tratamento do mito mais dramático, do qual se salientam traços caracterizadores que se veem retomados em Sófocles, em *Traquínias*, e nas tragédias de Eurípides. Na verdade, na cena trágica,

a figura de Hércules em *As Traquínias* não é, por conseguinte, a do filho de Zeus votado à apoteose, como alguns pretendem, mas a do herói que, apesar da sua filiação divina, se reconhece finalmente como sujeito às leis da finitude humana, na situação-limite da sua destruição física e da consciência do seu erro de intérprete do divino. É a figura de tensões não conciliadas entre homem e deus.<sup>15</sup>

Tratamento semelhante é dado à humanização de Hércules por Eurípides. Um primeiro ensaio é feito em *Alceste*, peça representada em 438 a.C. que ocupa o lugar do drama satírico na tetralogia formada por *Cretenses*, *Alcméon em Psófis* e *Télefo*. Eurípides despoja o filho de Alcmena da brutalidade, arrogância e força física que a tradição épica exaltou e concebe-o como uma figura humana em vários aspetos. Hóspede no palácio de Admeto, Hércules comporta-se como um *bon vivant*, disfrutando dos prazeres do vinho, da comida e do canto (746-772); e no sentido de ajudar o seu anfitrião a recuperar a alegria de viver, que lhe fora retirada quando Alceste, a sua esposa, morreu, o herói prontifica-se a recuperar a mulher de Admeto, tendo para isso de voltar ao Hades, reino seu conhecido. Nesta peça, Eurípides esboça já a humanização do semideus que será aprofundada, cerca

<sup>10</sup> *Il.* 8.366-369; *Od.* 11.623-625.

<sup>11</sup> 1998: 13.

<sup>12</sup> 1972: 17-19.

<sup>13</sup> *Nem.* 1.67-69, 4.25-30, 7.86-91; *Isth.* 1. 12-13, 6.28-34; *Ol.* 10.15-17.

<sup>14</sup> Cf. Galinski, 1972, pp. 23-29.

<sup>15</sup> Fialho, 1984, p. 22.

de duas décadas depois, em *Héraclès Furioso*, mas este desenho comporta traços jocosos. É certo que o Héraclès de *Alceste* cumpre bem as regras da *xenia* ao resgatar a mulher falecida do seu anfitrião; tem, portanto, a faceta clássica do herói humanitário e civilizado. Por outro lado, esta personagem tem também laivos de cómico: excesso na comida e na bebida e incapacidade de perceber a falta de sentido do seu comportamento numa casa em que algo estranho se passa.

Na peça de 416–415 a.C., *Héraclès Furioso*, o papel que o protagonista vai desempenhar permite redesenhar o perfil de um herói dominado por sentimentos humanos. Impõe-se, na verdade, como linha de atuação principal desta tragédia a salvação da família de Héraclès, que vivia atormentada pelas ameaças do tirano Lico. Paralelamente, o poeta retoma e integra na ação dramática elementos tradicionais do mito: enquanto Anfitrião se lamenta, no prólogo, da situação que vive em Tebas, Héraclès encontra-se no Hades a cumprir o seu último trabalho: roubar o cão Cérbero. Ao mesmo tempo que concretiza a missão imposta por Euristeu, o herói encontra Teseu e liberta-o do mundo inferior. Este facto assume-se fundamental para a humanização de Héraclès e a amizade que entre estas duas figuras paradigmáticas do heroísmo se constrói aproxima o herói dórico a Atenas. Além disso, a imagem do herói vítima do ciúme divino que chacina a sua própria família, e o homem desfeito pelo remorso que aceita a sua fraqueza com a intervenção milagrosa da amizade reforçam o processo de humanização que Héraclès sofre na tragédia.

A Eurípides fica a dever-se, por outro lado, a reconstituição do herói a partir de elementos que a cena cómica tomará como traços necessários à caricatura do heroísmo. Relativamente à peça *Sileu*, da qual se possui apenas fragmentos, Galinski refere que aí “we find all the characteristic traits for which Herakles was known on the comic stage: he is a gross monster, a brute, a glutton, and a libertine”.<sup>16</sup> Veja-se, por exemplo, como os fragmentos<sup>17</sup> 687 e 691 corroboram a consideração de Galinski:

687

**ΗΡΑΚΛΗΣ**

πίμπρη, κάταιθε σάρκασ, ἐμπλήσθητί μου  
 πίνων κελαινὸν αἶμα · πρόσθε γὰρ κάτω  
 γῆσ εἶσιν ἄστρα, γῆ δ' ἄνεις' ἐς' αἰθήρα,  
 πρὶν ἐξ ἐμοῦ σοι θῶπ' ἀπαντῆσαι λόγον

691

**ΗΡ.**

κλίθητι καὶ πίνωμεν · ἐν τούτῳ δε μου  
 τὴν πείραν εὐθὺς λάμβαν' εἰ κρείσσωσ ἔσῃ

<sup>16</sup> 1972: 84.

<sup>17</sup> Segue-se a edição de Richard Kannicht.

## 2. Hércules na tradição cómica: a caricatura do heroísmo

Apesar do protagonismo que a figura de Hércules assume na cena trágica, parece ser na comédia que este herói regista um número considerável de ocorrências. Pese embora o carácter fragmentário de várias representações cómicas, sobretudo da fase pré-literária, é possível ter ideia de que, a julgar pelos títulos que chegaram até à contemporaneidade e pelas representações artísticas inscritas nos vasos gregos, Hércules obteve do público ateniense simpatia e alcançou o estatuto de tipo cómico por excelência. Enquanto a tragédia se propõe a humanizá-lo, à comédia impõe-se deformá-lo com o objetivo claro de fazer uma caricatura do heroísmo épico. É que a popularidade dada a Hércules na cena cómica grega resulta naturalmente da relação que o herói tem com as origens deste género teatral, i. e., admitindo que a farsa dórica influenciou a comédia ateniense e tendo em conta que a personagem é um herói dórico, faz sentido reconhecer em Hércules as potencialidades de um motivo cómico intemporal.

É a Epicarmo da Sicília que se deve o tratamento pioneiro do Hércules cómico.<sup>18</sup> Embora as suas peças não sejam consideradas comédias enquanto género teatral, as intenções paródicas e os elementos típicos da farsa são constantes. Dos trinta e sete títulos que lhe são atribuídos<sup>19</sup> é inequívoca a paródia dos mitos. Lesky adianta que este processo é comum à farsa flíacica e, tanto neste tipo de teatro como na produção de Epicarmo, Hércules é um móbil predileto: “trata-se de um Hércules tipicamente dórico, um homem rude, de força extraordinária, também desmedido no comer, no beber e na vida amorosa”.<sup>20</sup> A presença desta personagem em cerca de cinco títulos dos dramas de Epicarmo, recorrência que o coloca à frente de outras figuras mitológicas, demonstra que se trata de um motivo de cómico garantido. Dos testemunhos fragmentários destacam-se características que tornam o herói numa figura grotesca: devora as iguarias no *Casamento de Hebe* e “in the *Busiris* Herakles let first things be first and wolfed down a meal before killing Busiris”.<sup>21</sup> Se, por um lado, a glotonaria e o carácter animalesco contribuem para o retrato cómico do herói, por outro, também as suas aventuras e demandas constituem matéria para riso nas representações de Epicarmo. Os títulos *A viagem de Hércules à conquista do cinturão de Hipólita* e *A visita de Hércules ao Centauro Folo* são sugestivos de um tratamento cómico de episódios mitológicos veiculados pela tradição épica.

A deformação que se insinua de Hércules, na comédia primitiva, é um processo que Aristófanes condena em algumas das suas produções, mas acaba por retomá-lo e recriá-lo, pois

<sup>18</sup> Galinski, 1972, p. 85.

<sup>19</sup> Lesky, 1995, p. 268.

<sup>20</sup> 1995: 268.

<sup>21</sup> Galinski, 1972, p. 85.

é um mecanismo garantido de sucesso. Em *Vespas*, peça representada nas Leneias de 422 a.C., na apresentação do enredo da peça ao público, o escravo Xântias diz (59-60): “Não temos um par de criados que atirem nozes de um cesto aos espetadores, nem um Hércules iludido com o almocinho”. No ano seguinte, a mesma ideia repete-se, desta vez pelas palavras do corifeu que, elencando na parábase os motivos cômicos que Aristófanes preteriu como desgastados, refere (741-743): “Esses Hércules padeiros, sempre esfomeados, foi ele o primeiro a pô-los de parte e a desacreditá-los”. A condenação da versão cômica deste herói por Aristófanes rapidamente encontra regeneração quando, em *Aves*, comédia galardoada com o 2º lugar nas Grandes Dionísias de 414 a.C., o Hércules glutão se vê, ao lado de Posídon, no papel de embaixador-cozinheiro na Nefelocucolândia. O tratamento que Aristófanes lhe dá recupera algumas das características tradicionais do herói — a força física aliada ao instinto animalesco para a luta e pancadaria (1575-1579) e a gulodice voraz (1690-1693), mas atribui-lhe outros traços, como a responsabilidade de voto, integrado na visita da embaixada olímpica ao mundo utópico das *Aves*.

Mas é em *Rãs*, comédia vencedora nas Leneias de 405 a.C., que Aristófanes coloca este herói diante de um espelho deformante, criando-lhe uma espécie de clone. O comediógrafo converte Hércules, um herói épico, num herói cômico, alterando-lhe os traços distintivos que o singularizam no panorama do heroísmo clássico, e desdobrando-lhe a personalidade.

### 3. Hércules em *Rãs*: a deformação do herói e a conversão em anti-herói

A integração de Hércules como personagem em *Rãs* justifica-se porque Dioniso, o protagonista, pretende descer aos infernos e restituir à cena trágica o recentemente falecido Eurípides. Por isso, impõe-se questionar o herói que domou a fera de três cabeças que tinha por função guardar a entrada do Hades. A recuperação do processo da catábase que havia realizado Hércules sofre uma recriação na cena cômica. Por um lado, atesta a vitalidade de um dos motivos tradicionais do mito e, por outro, reconstitui e acentua, através da deformação e da paródia, certos traços caracterizadores da figura de Hércules que o tornam no exemplo de um anti-herói.

Em primeiro lugar, o herói invencível que combateu monstros e viveu as mais épicas façanhas surge em cena como um parolo,<sup>22</sup> que se apronta a abrir a porta a quem o visita. Depois, assume a função de “agente de viagens”, informando Dioniso do itinerário que também ele fez, em tempos idos, ao Hades. Aí, acede-se a outras facetas do glorioso Hércules: é vaiado por Éaco, que lhe chama todos os nomes, desde miserável a ladrão, mas é aguardado por Perséfone, que lhe tem preparado um repasto delicioso ao som da flauta e da dança. É, portanto, pelas ações do próprio

<sup>22</sup> Cf. Teofrasto, *Caracteres*, 4.9.

Hércules e pelas várias imagens que dão dele outras personagens que se opera a recriação cómica do herói num anti-herói.

### 3.1. Hércules: a metamorfose do brutamontes em porteiro perante o seu clone

Quando Dioniso chega à casa de Hércules, bate-lhe à porta e grita pelo “moço”, o escravo-porteiro que tem por função receber os visitantes e anunciá-los ao patrão. Esta é a convenção por que se espera. Mas a porta em que se bate e que logo se abre é uma espécie de caixinha de surpresas. Abre-a Hércules, dispensando-se o habitual criado de serviço, numa caricata atitude de desconhecimento das conveniências e dos hábitos sociais: “se ouve bater, corre ele mesmo a abrir a porta”.<sup>23</sup> A primeira surpresa recai precisamente na boçalidade deste procedimento. O público, Dioniso e Xântias esperavam um “moço”, mas são surpreendidos pelo “patrão”, por sinal tão incivilizado e abrutalhado que nem um criado tem (ou, se o tem, não dispõe das respetivas serventias). Há, desde logo, um efeito de choque, provocado por esta subversão, que se estende a outros aspetos.

O ressoar das pancadas lembra a Hércules o som dos cascos dos Centauros (38-39), numa clara alusão a um dos seus trabalhos de outrora.<sup>24</sup> É outro exemplo de cómico de caráter, e também de situação, o herói-brutamontes, agora metamorfoseado em porteiro da sua própria casa, reconhecer no impacto das batidas — “quem sabe se tímidas”<sup>25</sup> — os coices dos homens-cavalos, seres abrutalhados por natureza, com quem se defrontou numa das missões que lhe foram impostas por Euristeu.

Mas o espanto de Hércules se ver confrontado com o que se pode chamar uma espécie de clone deformado, mal abre a porta da sua casa ao visitante, causa um choque ainda maior e eleva os cómicos de situação e de caráter a um patamar superior (45-48):

HÉRACLES (*que se aproxima, ainda incapaz de suster o riso*)

Mas é que não consigo espantar o riso, ao ver uma pele de leão por cima de um vestido amarelo. Que ideia se te meteu na cabeça? O que fazem juntos um par de botas de senhora e um cacete? Por que paragens tens tu andado?

A surpresa, em vez de ser posta nele, é posta na imagem dele, para que ele próprio se olhe de fora e seja o primeiro crítico de si mesmo. É como se o herói se estivesse a olhar ao espelho e, ao mirar-se, detetasse os que são os seus traços identificativos e como podem ser substituídos

<sup>23</sup> Teofrasto 2014: 60. Tradução de Maria de Fátima Silva.

<sup>24</sup> Cf. Sófocles, *Traquínias*, 1095-1096; Eurípides, *Hércules Furioso*, 181-183, 364-374.

<sup>25</sup> Silva, 2014, p. 39, n. 7.

ou combinados com o seu contrário, de modo a formar uma espécie de híbrido. Na verdade, ao mesmo tempo que se ri de Dioniso, Hércules está também a rir-se de si mesmo. Ele é o primeiro dos espectadores a rir-se do que vê, sem perceber claramente que Dioniso tenta reproduzir a sua imagem, como se de um “negativo” de si próprio se tratasse.

Opera-se a deformação da figura tradicional: o modelo de guerreiro macho e forte dá lugar a uma figura efeminada, em quem as insígnias da glória e da luta, como a “pele de leão” e o “cacete”, assentam como adereços por cima de um vestido amarelo e combinam com um par de botas de senhora (46-47). Ao invés de se processar uma reação tempestiva, expetável da parte de um guerreiro másculo e brutamontes, por se ver literalmente clonado numa figura grotesca e exótica, o herói adere ao extreme makeover, numa atitude de anuência passiva, contrariando, assim, a conduta bruta e rude com que a épica o pintou. Sendo *Rãs* uma comédia de crítica literária, entre os vários motivos e personagens que Aristófanes leva à cena, deve considerar-se em toda esta cena a paródia da tradicional caracterização de Hércules no mito e no teatro, a qual se processa através do próprio herói.

### 3.2. Hércules convertido em guia turístico

A razão por que Dioniso se apresenta disfarçado de Hércules é ainda desconhecida do herói guerreiro. Conhecedor dos meandros que conduzem ao reino do Hades, Hércules é, doravante, equiparado a um guia turístico.<sup>26</sup> É este o motivo tomado por principal e que leva Dioniso a procurá-lo e a vestir-se com as respetivas insígnias. Tal como alguém que se prepara para uma jornada inolvidável, o viajante procura ter conhecimento antecipado de tudo quanto o aguarda. Solicita, então, ao seu guia informações acerca de “tudo, portos, padarias, casas de passe, parques de repouso, cruzamentos, fontes, estradas, cidades, alojamentos, pensões, onde não haja o mínimo possível de percevejos” (112-115), como se de um lugar de delícias o submundo se tratasse.

Hércules, porém, não tarda a destruir essa imagem e a sintonizar Dioniso para um espaço repleto de horrores. Num primeiro momento, o herói convertido em guia turístico apresenta alguns atalhos que poderão encurtar a viagem<sup>27</sup>, tentando vender inicialmente ao seu cliente a ideia de que a sua viagem ao Hades foi uma façanha de alto risco. Mas, por serem opções perigosas e atribuladas de mais, nenhuma parece interessar ao deus-viajante, que pretende, em termos de dificuldades, um percurso *low-cost*. Perante a recusa de Dioniso, Hércules reformula o itinerário. Embora se

<sup>26</sup> Função semelhante desempenham o Aluno do Pensadoiro, em *Nuvens*, ou o escravo de Tereu e o próprio Tereu, em *Aves*, pois cabe-lhes desvendar “outros mundos” a certas personagens e guiá-las através das informações necessárias.

<sup>27</sup> Trata-se de uma sucessão de formas de suicídio: a forca, o envenenamento e o lançar-se do cimo de uma torre existente no Ceramico.

refira às várias etapas da viagem como maçadoras e pouco agradáveis, sempre com a intenção de evidenciar o quão difícil e penosa foi a sua jornada como herói, acaba por reduzir os níveis de risco. Alude, primeiramente, ao Aqueronte, “um lago enorme, sem fundo”, e explica, em seguida, os procedimentos a ter em conta no momento do *check-in* e do embarque, i.e., há que pagar dois óbolos a Caronte para poder ingressar num “barquinho, assim pequenino” que levará o passageiro às portas do Hades.

Héracles não descreve a viagem com o conforto de uma *business class*, nem parece proporcionar a Dioniso um pacote de experiências sedutoras, conforme este idealizara. Espera-se alguma atribulação, pois ao longo do percurso haverá “serpentes e monstros aos milhares, e pavorosos”, informa o herói, recordando naturalmente as criaturas ferozes que teve de enfrentar e contra as quais teve de lutar, saindo sempre vitorioso, segundo dita a tradição, naquele que é considerado o mais difícil dos seus trabalhos.<sup>28</sup>

Por isso é que, do espaço descrito como “lodaçal imenso” e “lixreira eterna” (145-152), o guia turístico pinta um cenário sugestivamente horrendo, um autêntico purgatório. A alusão a este momento do itinerário reveste-se de uma mensagem política importante. Héracles, o valente herói metamorfoseado no que modernamente se chama de agente de viagens, enumera um conjunto de comportamentos humanos reprováveis, cujas consequências são a permanência *ad aeternum* no “lodaçal imenso”. Mas, de modo a imprimir comicidade a esta listagem de crimes, Héracles “acrescenta uma transgressão de nível literário, destinada a quem manifesta interesse por um mau poeta”<sup>29</sup>, pela referência a Mórsmo, a que Dioniso prontamente junta os poetas ditirâmicos (152-153).

Mas, ao contrário do que seriam só trevas e tormentos, o Hades sempre reserva, afinal, alguns encantos (154-157):

#### HÉRACLES

Daí para a frente vai-te envolver um som de flautas, e hás de ver uma luz maravilhosa, como a daqui. Seguem-se os bosques de mirto, cortejos bem-aventurados de homens e mulheres e um grande estrépito de palmas.

A celebração dos Mistérios de Elêusis, nos quais Héracles se terá iniciado para prosseguir a sua jornada, conforme atesta a tradição<sup>30</sup>, constitui um momento prazeroso que sugere, no meio do *locus horrendus* até então descrito, a imagem do “oásis no meio do deserto” ou “a luz ao fundo do túnel”. Trata-se, com efeito, de uma caricatura do Hades tradicional. O colorido desta memória

<sup>28</sup> Graves, 1998, p. 469.

<sup>29</sup> Silva, 2014, p. 52, n. 37.

<sup>30</sup> Graves, 1998, p. 469.

de Héracles, evocada pelo cortejo dos iniciados que, “cercados de uma luz esplendorosa — que os Atenenses, orgulhosos, comparavam com a da Ática”<sup>31</sup>, entoavam cânticos e dançavam em honra das divindades, conduz a uma reflexão importante: terá sido extrema e difícil a ida ao Hades apenas para Héracles? Terá sido a imagem do horror que a tradição instituiu a verdade por que passou o herói?

À deformação da figura de Héracles, herói convertido até ao momento em criatura boçal, clonado por Dioniso em vestes femininas e no papel de agente de viagens e guia turístico, associa-se a caricatura do tenebroso mundo dos mortos. O poeta cómico serve-se do herói deformado para recriar a aventura e o lugar que maior glória lhe garantiram na tradição mítica. Depois da presença de Héracles em cena, ao público de *Rãs* são colocadas as questões: o que foram de facto os grandes trabalhos de Héracles? Exemplos de valentia extraordinários? Ou a sucessão de confortos que Dioniso idealizava?

### 3.3. Héracles: glutão e sedutor

Uma vez no reino dos infernos, a cena cómica continua a parodiar o heroísmo de Héracles e, através dele, toda a glória e bravura que a tradição imprimiu às suas façanhas. Dotado de uma força e estatura físicas inigualáveis, desde o nascimento que Héracles se destaca dos demais, surpreendendo todos pelas suas singularidades. Era maior e mais alto do que o seu irmão Íficles. A gana e apetite vorazes são, desde sempre, traços que lhe ficaram associados. Até se diz que terá sugado de tal forma o seio de Hera que a deusa o repeliu de dor.<sup>32</sup> Atingida a idade adulta, os mitógrafos referem que “Héracles crescia e atingia a extraordinária estatura de quatro côvados e um pé”.<sup>33</sup> Entre as lendas diversas que se referem às vicissitudes do herói, “contava-se, com efeito, que a nau *Argo*, que era dotada de fala, recusara o embarque do herói, receando não poder suportar o seu peso”.<sup>34</sup> Apesar do teor um pouco incongruente de certos testemunhos, que o pintam como um colosso, a imagem que permaneceu de Héracles é a de um herói super-homem, no sentido literal que o epíteto sugere, i.e., detentor de um porte físico desmesurado em sintonia com a força guerreira com que a tradição épica o imortalizou.

Daí se pressupõe que os hábitos e gostos alimentares de Héracles sejam, também, proporcionais à sua figura. Numa das suas expedições, tendo desembarque em Cós, o herói terá

<sup>31</sup> Silva, 2014, p. 53, n.39.

<sup>32</sup> Grimal, 1999, p. 206.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 218.

mesmo pedido um carneiro a Antágoras, filho do rei Eurípilo, para saciar a sua fome.<sup>35</sup> Também na região de Folo, o filho de Alcmena foi recebido com um banquete: o anfitrião “acolheu-o com hospitalidade, ofereceu-lhe carnes de toda a espécie, que mandou cozinhar para o seu hóspede, enquanto ele próprio as comia cruas. Após ter comido, Hércules sentiu sede e pediu vinho”.<sup>36</sup> À custa destes aspetos legados pela tradição mítica, Eurípides apresenta-o, em *Alceste*, como “comilão e fanfarrão, quase bêbado, uma caracterização do Hércules típico da comédia”<sup>37</sup>, fazendo jus ao retrato que dele desenharam, por exemplo, Epicarmo da Sicília e, depois, Cratino e Êupolis. Esta faceta do herói Aristófanes recupera-a em *Aves*, apesar de a ter condenado em *Vespas* (60) e em *Paz* (741-743). Na comédia de 405 a.C., a conversão do herói num glutão afamado até no mundo dos mortos é um processo renovado e amplamente cômico.

No Hades, Hércules terá caído nas boas graças de Perséfone de quem teve ajuda e permissão para resgatar Teseu, conforme dita a tradição.<sup>38</sup> Em *Rãs*, sabendo que o guerreiro tinha voltado — no momento na pele de Dioniso que, entretanto, passa as insígnias a Xântias por medo das ameaças de Éaco —, a rainha do submundo ordena que se prepare um banquete de receção para Hércules, no qual será agraciado com as mais diversas iguarias gastronómicas e em quantidades consideráveis (504-512):

*Aparece uma escrava de Perséfone*

**SERVA** (*a Xântias-Hércules*)

Viva, meu caro Hércules, estás por cá outra vez? Entra lá. Que a minha senhora, a deusa, mal ouviu dizer que tu tinhas chegado, meteu logo pão no forno, pôs ao lume meia dúzia de panelas de sopa, tratou de assar um boi inteiro e de cozer tarte e bolos. Anda, entra.

**XÂNTIAS** (*que cortesmente procura recusar o convite*)

Não te incomodes. Obrigado.

**SERVA**

Ora essa! Nem penses que te deixo ir embora assim, quando estão já a estufar as aves, a fazer a sobremesa, a preparar um vinho doce como mel. Entra lá, vem comigo.

Do repasto culinário que se prepara, deve destacar-se a “meia dúzia de panelas de sopa” (506), especialidade da preferência de Hércules, como havia já notado Dioniso, que o conhece bem (60-65). O deus do teatro, lamentoso pela perda de um grande poeta trágico, associa a sua vontade de recuperar Eurípides ao “desejo súbito de sopa” que pode sentir o seu irmão Hércules. Esta

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 214.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>37</sup> Brandão dos Santos, 2008, p. 89.

<sup>38</sup> Grimal, 1999, p. 212.

expertise passa a ser, portanto, tão identificadora do herói como a sua conhecida força.

Por outro lado, segundo se sabe por um par de estalajadeiras, o herói terá sido um hóspede desagradável, aquando da sua ida ao submundo: não só rapinou toda a comida que havia na hospedaria, como de lá se foi embora sem pagar a conta (549-564). Além da imposição pela brutalidade e pela violência, a imagem que as estalajadeiras dão de Hércules é a de um burgesso aldrabão, características que a comédia lhe atribui por identificadoras, ao lado das “botas”, insígnias que a estalajadeira reconhece. A figuração exemplar de que o dotou a tradição mítica é desmascarada pela atuação animalésca do herói esfomeado e agressivo, “com ar de doido varrido”. Rendido ao poder que a comilança exerce sobre si, como uma adição incurável, Hércules assume-se naturalmente como um glutão abrutalhado. Destes elementos resulta a caricatura do herói que não olha a meios para saciar o seu apetite.

Associada a esta faceta surge também o traço de sedutor e lascivo. Na receção que a rainha do Hades lhe prepara há, além de muita comida, flautistas e bailarinas a aguardar o herói, compondo-se, assim, um ambiente sugestivo da volúpia (513-519):

#### SERVA

Ora! Chega de disparates, que eu não te deixo ir embora. Aliás, está já lá dentro, em tua honra, uma flautista, uma lasca de primeira, mais duas ou três bailarinas.

[...]

Com o sangue na guelra e depiladinhas de fresco. Anda lá, que o cozinheiro já está a tirar o peixe do forno para o mandar pôr na mesa.

Recusar um convite destes não seria tarefa fácil. Os pormenores a que se refere a serva de Perséfone, no sentido de honrar a presença de tão ilustre herói no palácio do Hades e satisfazer-lhe quaisquer apetites, evidenciam que Hércules seria igualmente dado aos prazerosos momentos do sexo. E será refastelado sobre os tapetes de Mileto que o sedutor apreciará, embevecido, as danças e os corpos sensuais das bailarinas. Eis o complemento do seu banquete de receção.

O epíteto de sedutor é aliás sugerido por vários episódios da tradição. Consta, por exemplo, que Hércules se deitou, durante uma noite, com as cinquenta filhas do rei Téspio.<sup>39</sup> Além disso, aponta-se que se uniu a Ônfale, quando foi cativo desta rainha lídia; como “os autores são pródigos em pormenores sobre os amores do herói e da rainha, agradou-lhes representarem Hércules vestido à maneira da Lídia, com longos vestidos femininos, enquanto a rainha tomara os atributos dele: a clava e a pele de leão”.<sup>40</sup> Assim se apresenta Dioniso à porta do herói, envergando tanto vestes femininas como as suas insígnias másculas. Relata-se, também, que Hércules, durante a sua ida ao

<sup>39</sup> *Ibidem*, pp. 206-207.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 219.

Hades, prometeu a Meleagro desposar a sua irmã Dejanira.<sup>41</sup> Entre outros episódios sugestivos de amores e jogos de sedução floreados pelos mitógrafos, Hércules triunfa, imortal, no Olimpo, ao lado de Hebe, deusa personificadora da juventude, a quem se une numa celebração abençoada por Zeus e Hera. Por isso, ainda que careça do *glamour* romanesco a que a tradição literária moderna tomou por elemento canônico para as histórias de amor, não é de todo despropositado reconhecer no Hércules guerreiro o traço de mulherengo ou “pinga-amor”. Ele era, na verdade, filho de Zeus.

#### 4. Conclusão

Todo o processo de metamorfose que se opera na figura de Hércules, na cena cômica, contribui para a caricatura do heroísmo. Os traços caracterizadores que a tradição mítica impôs, muito por subserviência à épica, são subvertidos e parodiados no teatro. Se a tragédia procura humanizar o herói, imprimindo-lhe feições que se afastam da conduta paradigmática do guerreiro invencível, a comédia deforma-o e destaca-lhe um conjunto de características que o aproximam naturalmente do anti-herói. Embora se reconheça, em termos conceptuais, que “a posição ocupada pelo anti-herói é, do ponto de vista funcional, idêntica à que é própria do herói: tal como este, o anti-herói cumpre um papel de protagonista e polariza em torno das suas ações as restantes personagens, espaços em que se move e o tempo em que vive”<sup>42</sup>, importa entender o conceito de anti-herói como decorrente da sua configuração em termos de desqualificação.

Esperar-se-ia que o invencível Hércules se tornasse num parolo brutamontes? Pensar-se-ia que o filho de Zeus e Alcmena se converteria num aficionado em sopa? Era expetável que o mais árduo dos trabalhos, a descida aos infernos, não tenha sido, afinal, uma experiência tão tenebrosa e tão difícil? Seria possível dotar Hércules, que se tornou exemplo para os heróis homéricos, de atitudes boçais e comportamentos impróprios? À cena cômica permite-se esta subversão que é, no fundo, a desmitificação do herói. Trata-se de um processo ao serviço da missão a que se propôs o poeta cômico: renovar o teatro através da recriação de elementos tradicionais. Através da figura de Hércules, Aristófanes não só desenha a caricatura do heroísmo, como também executa a crítica literária, através da paródia da épica e da tragédia.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 212.

<sup>42</sup> Reis; Lopes, 1994, p. 34.

## Referências bibliográficas

- BRANDÃO DOS SANTOS, F. Alceste, de Eurípides: o Prólogo (1-76). *Humanitas* 60, pp. 87-100, 2008.
- DUBOIS, C. *Euripide. Héraclès*. Paris: Les Belles Lettres, 2018.
- FERREIRA SANTOS, C. O mito de Héacles: aspetos da tradição literária e inovações no Héacles de Eurípides. *Máthesis* 7, pp. 9-32, 1998.
- FIALHO, M. C. *Sófocles. As Traquínias*. Coimbra: INIC, 1984.
- GALINSKI, G. K. *The Herakles Theme. The Adaptations of the Hero in Literature from Homer to the Twentieth Century*. Oxford: Blackwell, 1972.
- GRAVES, R. *The Greek Myths*. London: The Folio Society, 1998.
- GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Coordenação da edição portuguesa por Victor Jabouille. Lisboa: Difel, 1999.
- HUMBERT, J. *Homère. Hymnes*. Paris: Les Belles Lettres, 2014.
- KANNICHT, R. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Vol. V. Euripides. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LOURENÇO, F. *Odisseia. Homero*. Lisboa: Quetzal, 2018.
- LOURENÇO, F. *Ilíada. Homero*. Lisboa: Quetzal, 2019.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1994.
- SILVA, M. F. Da violência à civilização: Hércules, o super-homem da Antiguidade, *Humanitas* 65, pp. 7-26, 2013.
- SILVA, M. F. *Aristófanés. Rãs*. Coimbra: IUC, 2014.

